



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT- 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

A PÓS-VERDADE COMO AÇÃO DE DESINFORMAR

POST-TRUTH AS DISINFORMING ACTION

Mayane Paulino de Brito - Universidade Federal da Paraíba

Virgínia Bentes Pinto - Universidade Federal do Ceará

Henry Poncio Cruz de Oliveira - Universidade Federal da Paraíba

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Apresenta os resultados da pesquisa cujo objetivo é compreender como a pós-verdade pode ser uma agente na ação de desinformar. Utiliza como metodologia uma pesquisa bibliográfica e exploratória, com uma abordagem qualitativa. Discute sobre a pós-verdade, abordando a questão de que a ascensão do valor das emoções provoca uma disseminação de notícias falsas, a qual, por sua vez, encaminha-se para uma banalização da mentira e, desta maneira, para uma relativização da verdade. Assinala que o excesso de vozes e a sobrecarga das informações disponíveis fazem com que as pessoas atinjam um estado de indiferença ou apatia para o que determinada informação diz. Avalia que o volume de informação ofertado se torna muito superior à capacidade que as pessoas demonstram em buscar, avaliar a relevância, se informar sobre o assunto e associar uma informação com outras absorvidas anteriormente, produzindo um fenômeno conhecido como desinformação. Conclui que, à medida que as pessoas se deixam influenciar pelas diversas notícias falsas que são circuladas, sobretudo na internet, e as compartilham com os demais como se fossem verdades apenas porque, no fundo, elas querem que essas mensagens sejam verídicas, as informações repassadas deixam de cumprir o papel de informar para passar a desinformar.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; Pós-verdade; Desinformação; Fake news.

Abstract: It presents the results of the research whose objective is to understand how post-truth can be an agent in the action of misinformation. It uses as methodology a bibliographic and exploratory research, with a qualitative approach. It discusses post-truth by addressing the issue that the rise in the value of emotions causes a spread of false news, which in turn leads to a trivialization of lies and thus to a relativization of truth. . He points out that too many voices and too much available information make people reach a state of indifference or apathy for what a given information says. He estimates that the volume of information offered becomes much greater than people's ability to seek, assess relevance, learn about the subject and associate information with others previously absorbed, producing a phenomenon known as misinformation. It concludes that as people get swayed by the various fake news stories that are circulated, especially on the Internet, and share them with others as if they are true only because, deep down, they want these messages to be true, the information passed on. fail to fulfill the role of informing to misinform.

Keywords: Information Science; Post-truth; Misinformation; Fake News.

1 INTRODUÇÃO

Assim como existe uma pluralidade de conceitos que cerca a informação enquanto objeto de estudo da Ciência da Informação (CI), que contempla inclusive a natureza digital da informação, existem uma gama de possibilidades de atuação científica para os pesquisadores da Ciência da Informação (OLIVEIRA, 2014).

Dentro das atuais possibilidades de investigação científica, acreditamos que o cenário relacionado à construção e disseminação de pós-verdades deve receber atenção dos pesquisadores da Ciência da Informação, visto que a literatura que desponta sobre o tema tem sinalizado que a temática da pós-verdade estrutura-se por meio de problemática com facetas informacionais e tecnológicas intrínsecas.

Concordamos com Oliveira (2014, p. 65) quando afirma que “o que torna a Ciência da Informação relevante na contemporaneidade é a centralidade que a informação ocupa em todos os campos do conhecimento humano” e a necessidade da informação ser continuamente abordada pelo método científico. Sendo assim, os problemas informacionais e tecnológicos que potencializam o que Tiburi (2017) chama de era da pós-verdade, se tornam problemas de investigação de interesse da Ciência da Informação.

O Dicionário Oxford tenta registrar as palavras desde a sua origem até seu uso corrente nas ruas bem como a forma como elas ganham novos significados e se incorporam à vida dos sujeitos, elegeu a palavra “pós-verdade” como a palavra do ano de 2016, gerando diversas discussões em torno desta temática desde então.

Apesar de constructo pós-verdade, “*post-truth*” em língua inglesa, não ser uma categoria inédita, percebemos que seu uso, nos últimos tempos, passou a ser mais frequente em artigos acadêmicos, nos textos dos escritores literários, nos jornais e noticiários, bem como nas próprias conversas informais entre as pessoas.

Uma das premissas da pós-verdade é que o termo descreve o processo pelo qual as emoções e as convicções pessoais passam a ser mais importantes que os fatos concretos e informações. Isso ocasiona, portanto, um terreno no qual as pessoas ignoram a veracidade dos acontecimentos e passam a tratá-la com indiferença, compactuando e compartilhando a mentira mais adequada aos seus interesses ou aquela que lhes traga mais segurança emocional (OXFORD, 2019).

A realidade supracitada é potencializada pela conjuntura da avalanche de notícias e opiniões que são disseminadas, especialmente por meio das mídias sociais, sem nenhum ou quase nenhum critério de responsabilidade quanto à autenticidade do conteúdo das informações.

Essas questões trazem à tona o evento em que as informações circuladas neste contexto de pós-verdade podem ser encaradas, em muitos momentos, não mais como uma informação, mas sim como desinformação. Ou seja, as notícias propagadas sem a devida vinculação com a noção de fonte de verdade têm potencial de induzir ao erro e produzir falsas imagens da realidade, contribuindo fortemente para a prática da pós-verdade.

As ocorrências supracitadas sinalizam a urgência de estabelecer debates sobre o enquadramento contemporâneo da noção de pós-verdade em nossa sociedade, este artigo se propõe a refletir sobre a concepção da pós-verdade, resgatando aspectos da ideia de desinformação, tendo como objetivo compreender como a pós-verdade pode ser uma agente na ação de desinformar.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica e exploratória, com uma abordagem qualitativa. Através de um levantamento realizado em periódicos e anais de eventos da área da Ciência da Informação, assim como em periódicos jornalísticos, filtrou-se a pesquisa para os assuntos “pós-verdade”, “desinformação” e “fake news”. Notou-se que, devido a essas categorias tratarem de temas recentes, ainda requerem uma literatura científica especializada.

2 ERA DA PÓS-VERDADE?

A expressão ‘pós-verdade’ ou ‘*post-truth*’ ganhou destaque no léxico mundial em 2016. O termo, que foi empregado pela primeira vez em 1992, pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich, mas despontou na atualidade graças ao Dicionário Oxford, editado pela Universidade Britânica, que profere uma palavra de maior destaque por ano, de acordo com sua aceção e seu uso pelas pessoas (PRIOLLI, 2017).

Segundo o próprio Oxford (2016), “pós-verdade” é de um substantivo que remete a ocasiões em que fatos concretos possuem menor influência em construir a opinião pública do que os apelos emocionais e as crenças pessoais.

Essa ascensão do valor das emoções provoca uma disseminação de notícias falsas que, por sua vez, encaminha-se para uma banalização da mentira e, desta maneira, para uma relativização da verdade, conduzindo-se a um cenário em que os acontecimentos concretos ficam em segundo plano, na medida em que o “como” a história é contada se sobrepõe ao “o que” foi dito. Não é mais sobre saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver e ler a versão que mais condiz com as ideologias de cada um (LLORENTE, 2017).

Vê-se, assim, que a pós-verdade não significa a mentira, mas incorpora um comportamento de indiferença dos sujeitos sociais quanto aos fatos e de sua autenticidade (PRIOLLI, 2017). Concordamos com Dunker (2017) quando sinaliza que a pós-verdade se constrói, antes de tudo, uma verdade contextual, em que a subjetividade do sujeito tem maior relevância na interpretação e enunciação do discurso. Acrescentamos que, o efeito de verdade contextual predito por Dunker (2017) é, em si, uma relativização das noções filosóficas de verdade.

A produção de narrativas, no contexto contemporâneo da pós-verdade, tem implicações em nos diversos setores da sociedade, inclusive sobre o panorama político e social, em que, como percebe Llorente (2017), as noções de objetivo e objetividade, bem como as noções de razão e racionalidade cada vez menos acessadas, permitindo que a experiência informacional, sobretudo nas redes sociais, seja predominantemente marcada por apelos emocionais e pela vontade de sustentar crenças, com potencial de serem enxergadas como irrefutáveis, mesmo que os fatos concretos, dados estatísticos e o conhecimento científico acumulado demonstrem o contrário.

O autor supracitado, exemplifica as implicações políticas da pós-verdade quando aponta os acontecimentos em que os britânicos ignoraram os alertas sobre o “Brexit”, optando pelo processo de saída do Reino Unido da União Europeia. Destaca ainda um outro exemplo de mesma natureza política, no contexto dos Estados Unidos, cuja significativa parte da população ignorou advertências factuais sobre Donald Trump, elegendo-o presidente dos Estados Unidos.

Tiburi (2017) coloca que o termo “pós-verdade” põe em questão o fim da verdade como um valor maior. Se não seu fim, pelo menos coloca em jogo sua utilidade. Conforme a autora supracitada, a possibilidade da verdade como algo capaz de explicar o desconhecido não vem mais ao caso, não parece ser mais útil ou relevante. A verdade que se aceita, no

contexto contemporâneo da pós-verdade, é aquela que se vê circular em velocidades virais e que pode alimentar a mídia de forma rápida. As narrativas da pós-verdade se estruturam, geralmente por meio de conteúdos verbais e imagéticos, como uma produção publicitária relacionada a uma espécie de ‘verdade para ver’, sem necessariamente ser verdade e que não precisa ser checada ou validada. O que tratamos aqui, permite a inferência de que na pós-verdade, as narrativas se podem ser construídas desvinculadas às fontes que a legitimam.

A disseminação de informações foi potencializada com o advento da internet e com a invenção das mídias sociais digitais, consolidando os meios alternativos de comunicação. Trata-se de espaços que permitem a disseminação de conteúdos textuais e/ou imagéticos por meio da replicação viral.

A condição de fácil acesso e rápido tráfego da informação, juntamente com a popularização de tecnologias como computadores, notebooks, tablets, smartphones e wearables, possibilitaram o desenvolvimento e consolidação de uma sociedade global que os sujeitos se encontram conectados o tempo todo. Baudrillard (1999) aponta que a vida social é crescentemente deslocada dos espaços físicos ou analógicos para os espaços digitalizados.

Para Bucci (2018), redes sociais como Facebook e Twitter, assim como sites de busca como o Google, aceleraram e fortaleceram o fenômeno da pós-verdade. De acordo com o autor, isso aconteceu por duas razões: A primeira em razão do aumento da velocidade e do alcance das informações, proporcionado pelos recursos tecnológicos, arrebatando amplas massas de um modo avassalador, num grau jamais atingido pelos meios jornalísticos tradicionais; b) A segunda razão vincula as mídias sociais ao fenômeno da pós-verdade está por meio do fator econômico, visto que o número de cliques pode gerar receitas e visibilidade para produtos, pessoas e organizações, independente do conteúdo informacional e sua relação fundamental com uma teoria da verdade. Ademais, as mentiras são, segundo Bucci (2018), mais fáceis de serem produzidas e, por vezes, mais baratas também pois dispensam tempo e recursos de pesquisa na produção midiática da informação (BUCCI, 2018).

Prego (2017) salienta que a multiplicação de notícias falsas é uma ameaça séria aos sistemas democráticos. Neste contexto, os algoritmos das redes sociais podem enviesar o acesso às informações oriundas de perfis que são agrupados por similaridade. Estes agrupamentos partem, geralmente da captação de dados produzidos na navegação nas redes sociais e em sites, a priori podem corresponder às necessidades e seus interesses dos sujeitos,

mas por outro lado, podem gerar o fenômeno de clusterização informacional, compreendido como uma espécie de redoma ou bolha na qual os sujeitos estão imersos e interagem com os mesmos grupos e mesma tipologia de informações que, geralmente reforçam suas referências ideológicas.

Vê-se que a exposição à ideias contrárias às concepções de uma pessoa, geralmente não aparecem dentro desse cluster informacional ou são feitas para serem desacreditadas, fazendo com que os agrupamentos de pessoas nas redes sociais, sejam compactos e impermeáveis, impactando no acesso à informação (PARISER, 2012).

Com base no exposto, destacamos que a manipulação da informação, nos aspectos do conteúdo e da forma, vem carregada de emoções, crenças e ideologias que podem se sobrepor à noção de verdade, à argumentação racional fundamentada em fatos de uma realidade mais empírica.

Ainda em diálogo com os autores que trouxemos até aqui, destacamos que questão vai além da produção e disseminação de mentiras em rede. Temos, no estabelecimento do fenômeno da pós- verdade, que a noção de verdade tem calibre cada vez mais secundário. Fundamentados em Pariser (2012) afirmamos que, no contexto da pós-verdade, pode haver mais interesse em manipular e enraizar, na opinião coletiva, valores e certezas que geram benefícios para quem está por trás daqueles conteúdos compartilhados.

No entanto, à proporção que esse tipo de comportamento se espalha e os fatos alternativos ou criados ganham preferência sobre a realidade, os próprios fundamentos da democracia são postos em risco. Portanto, exigem-se práticas informacionais éticas e críticas que evidenciam a importância da verificação das fontes de informação usadas no dia a dia, o que coloca em discussão a avaliação do que é informação e também do que seja desinformação (ZATTAR, 2017).

3 INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO

A partir do que Lyotard (2004) retratou como pós-modernidade, enxerga-se a decadência das verdades universais, a elevação das dúvidas e das desconfianças, assim como a problematização das grandes narrativas e novas formas de relação com o saber científico.

Um resultante substancial da sociedade pós-moderna, marcada por categorias como velocidade, quantidade e instantaneidade, é a liquidez que impacta nos comportamentos

individuais e nas relações humanas, como coloca Bauman (2001).

Leite e Matos (2017) expandem essa ideia para a relação com a informação, assinalando que nem sempre a incerteza sobre a natureza e fonte de uma informação provoca uma atitude de indagação e vigilância. Ou autor sinaliza que, pelo contrário, o excesso de vozes e conteúdos informacionais disponíveis fazem com que as pessoas atinjam um estado de indiferença ou apatia sobre a origem e relação do conteúdo informacional com a verdade.

Por consequência, o volume de informação ofertado se torna muito superior à capacidade que as pessoas demonstram em buscar, avaliar a relevância, se informar sobre o assunto em outras fontes para conectar uma informação ao seu arcabouço de conhecimento (OLIVEIRA, 2014). O que aqui delineamos, potencializa um fenômeno conhecido como ‘desinformação’.

A noção de desinformação surge no contexto da Segunda Guerra Mundial (ZATTAR, 2017). Brito e Pinheiro (2015) entendem a desinformação como um estado de ignorância do sujeito em relação a um conhecimento que lhe seria relevante. O dicionário Michaelis (2019) indica que o termo se refere à ação de desinformar ou ao contexto em que dados falsos são disseminados e induzem ao erro. Demo (2000) traz o conceito de desinformação como uma informação manipulada, que se relaciona com o fornecimento de produtos informacionais de baixo nível cultural, cuja consequência direta seria a ‘imbecialização’ de setores sociais. Outra compreensão seria a desinformação como um engano proposital, de modo que uma informação é falseada deliberadamente e, muitas vezes, secretamente espalhada, com o objetivo de influenciar a opinião pública ou obscurecer a verdade (MERRIAM-WEBSTER, 2013).

Diante do exposto, cabe trazer Pilon (2011) que pondera sobre os efeitos do excesso de informação dizendo que, em vez de informar, o contingente excessivo de informação pode causar o efeito de desinformar. O autor observa que o desejo de acompanhar todas as notícias e, naturalmente, não conseguir, faz com que os sujeitos não sejam dedicados a atentos com o conteúdo informacional que está sendo lido e compartilhado.

Fallis (2015) orienta que a desinformação tende a ser limitada no contexto das informações científicas, uma vez que o método, como característica da ciência, impõe a reprodução das experiências através da verificação. Por conseguinte, as informações do cotidiano são mais vulneráveis às manipulações, por não possuírem o rigor na sua produção,

além de serem abertas à participação de diferentes atores.

Dessa forma, a incidência da desinformação sugere que a leitura e a interpretação crítica tem sido fragilizadas, gerando uma mecanização no comportamento dos sujeitos a respeito da informação, de maneira que acabam se tornando replicadores de uma ‘poluição informacional’ (LEITE; MATOS, 2017).

Pina (2017) pondera que, embora o acesso universal à informação e à opinião trazidos pela internet devam ser bem-vindos, vale salientar que os meios de comunicação passaram não apenas a informar e opinar, mas fez também com que qualquer pessoa possa dar publicidade a todo tipo de afirmações, intensificando as *fake news*.

4 A PÓS-VERDADE COMO AGENTE DESINFORMADOR

Se alguma vez a informação foi tida como escassa, nos dias atuais a situação não é mais essa. A sociedade contemporânea é uma espécie de ‘infosfera’, um ambiente cultural e social em que habitam, interagem, se replicam ou se extinguem diversos tipos de dados e informações nos mais variados suportes (FLORIDI, 2002). Esse domínio produz uma grande quantidade de informações impossíveis de serem lidas com cuidado e maturadas num processo de reflexão crítica, permitindo que as construções cognitivas se deem em um contexto de certa superficialidade na interação com as informações.

No contexto do volume informacional excessivo, que dificulta o processo imersivo de interpretação e apropriação, existem informações verídicas, informações equivocadas ou erradas e informações produzidas intencionalmente para serem falsas.

O exposto até aqui, nos permite inferir que o paradoxo da desinformação é que nunca antes na história da humanidade houve tanta informação sendo produzida e propagada e, ao mesmo tempo, nunca existiu tantos fatos distorcidos sendo espalhados como se fossem verdades. Observa-se que a incidência do conteúdo compartilhado sem a devida responsabilidade com a verdade tem sido um propulsor na disseminação não de informação, mas sim de desinformação.

Tiburi (2017) afirma que vivemos hoje nos excessos de linguagem, proliferando e replicando tudo que aparece pela frente. A autora reflete que falamos muito e pensamos pouco. Uma possibilidade de explicação para esta realidade pode seria o fato de pensando rápido demais, de forma acelerada e facilitada pelo comportamento de ‘copiar e colar’ e

‘capturar telas’ em dispositivos móveis.

Manjoo (2008) mostra que a exposição seletiva – teoria que comprova que a mente humana tende a escolher informações que se alinhem às suas crenças, atitudes e comportamentos e rejeita o que é contraditório – pode ser uma explicação para compreender o alcance da pós-verdade. É como se na era digital com informações infinitas, as pessoas buscassem criar seu próprio ambiente de mídia pessoal que confirme que o se elas sentem, lá no fundo, tem que ser verdade.

Giacoa Junior (2017) complementa dizendo que as informações se transformaram em mercadorias intercambiáveis, razão pela qual importa menos a ideia de validade do que a expectativa de realização de desejo que a informação possa satisfazer.

Recuero (2009) pondera que o sintoma do compartilhamento de desinformações pode ter correlação com a construção de identidades egocêntricas. A autora analisa que a escolha por compartilhar algo em uma rede social relaciona-se, não somente com a crença que o sujeito tem de que a informação é relevante ou não, mas também constrói uma expectativa de como os sujeitos de sua rede irão reagir a partir de sua postagem ou disseminação de um conteúdo informacional. É como se o ato de disseminar um conteúdo de informação na rede, independente da veracidade ou da confiabilidade da fonte de informação, colocasse o sujeito no centro de um falso protagonismo, propiciando uma sensação equivocada de largar na frente para disseminar um conteúdo em ‘primeira mão’.

De igual modo, Chen *et al* (2015) argumenta que o compartilhamento de desinformações acontece uma vez que as intenções de interações sociais no compartilhamento de conteúdo nas redes sociais são mais importantes do que os objetivos informacionais.

Porém, como salienta Medeiros (2017) sobre a pós-verdade, uma das consequências sociais deste contexto de enfraquecimento da noção e do valor da verdade e da fonte de informação, pode implicar no acirramento da intolerância e estímulo ao totalitarismo.

O excedente de informações que parece sobrecarregar os sistemas cognitivos, associado à necessidade de disseminar, com traços de comportamento informacional compulsivo, os conteúdos informacionais nas redes sociais, potencializam a desinformação. Neste sentido, como relata Leite e Matos (2017), a informação acaba se tornando apenas

produto, marketing, status pessoal e instrumento de manipulação social. Assim, ela se encaminha para um distanciamento cada vez maior da sua principal finalidade: a construção do conhecimento individual e social.

A saída para este problema seria, sobretudo, uma retomada do pensamento crítico, uma conscientização ética sobre o acesso e uso dos conteúdos informacionais em meio digital, necessitando criar estratégias para validar tais conteúdos informacionais por meio de checagem (LEITE; MATOS, 2017).

Por se tratar de um fenômeno relativamente recente, ainda não existem soluções definitivas para lidar com a desinformação produzida no contexto da pós-verdade e com os impasses trazidos por elas. Contudo, universidades e empresas têm construído ferramentas voltadas para a prevenção da desinformação, produzindo o conceito de “*factcheck*” que pode ser entendido como a checagem dos fatos ou do conteúdo informacional. No ambiente acadêmico e científico, a competência informacional encontra-se como um conceito de muita relevância.

Zattar (2017) aponta a necessidade de uma atitude da comunidade biblioteconômica na intenção de promover o conhecimento de fontes de informação como prevenção as ações de desinformação.

A *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) publicou dicas para ajudar as pessoas a identificarem notícias falsas e, conseqüentemente, não promoverem a desinformação (IFLA, 2018):

- Considere a fonte da informação: tente entender sua missão e propósito olhando para outras publicações do *site*;
- Leia além do título: títulos chamam atenção, mas não contam a história completa;
- Cheque os autores: verifique se eles realmente existem e são confiáveis;
- Procure fontes de apoio: ache outras fontes que confirmem as notícias;
- Cheque a data da publicação: veja se a história ainda é relevante e está atualizada;
- Questione se é uma piada: o texto pode ser uma sátira ou ironia;
- Revise seus preconceitos: seus ideais podem estar afetando seu julgamento;
- Consulte especialistas: procure uma confirmação de pessoas independentes com conhecimento.

A pós-verdade está relacionada à uma contextualização de relativização profunda e abandono noção da verdade como referência na vida cotidiana. É essencial que se tenha a preocupação com o que está sendo lido, mantendo sempre o questionamento sobre as notícias compartilhadas para que se saiba se o conteúdo não promove de desinformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi discutir como a pós-verdade, entendida como a ocasião em que as crenças e emoções pessoais possuem predominância sobre o que é o fato concreto, pode ser uma agente na ação de desinformar.

Foi visto que, à medida que as pessoas se deixam influenciar pelas diversas notícias falsas que são circuladas, sobretudo na internet, e as compartilham em rede como se fossem verdades porque, elas querem que essas mensagens sejam verídicas, as informações repassadas deixam de cumprir o papel de informar para passar a desinformar.

O conceito de desinformação reproduz, no campo teórico, efeito similar ao que produz no campo da práxis: crença imediatista alimentada por conteúdos textuais ou imagéticos desvinculados da credibilidade gerada pela fonte de informação. A ação de desinformar é a ação de produzir uma informação falsa ou que induz ao erro e disseminá-la aos sujeitos a fim de fazê-los acreditar em algo falso ou simplesmente para esconder a verdade.

Para isso, as mídias sociais, por seu alcance global e potencial de viralização de conteúdos, acabam sendo ferramentais da disseminação de desinformações, em nome da pós-verdade.

O que Tiburi (2017) denomina de era da pós-verdade se estrutura numa época de crise informacional instituída pelas inovações midiáticas, dando origem a uma hiper divulgação de fatos alternativos, mentiras e verdades manipuladas numa escala já mais vista antes. Valorizar a racionalidade e as fontes críveis de informação tem se tornado uma postura individual obsoleta.

A Ciência da Informação, pode contribuir na produção e disseminação do conhecimento de fontes de informação confiáveis e nos critérios que devem ser adotados para garantir a integridade e autenticidade do que está sendo dito e/ou disseminado e na formação das competências informacionais nos sujeitos que acessa, usam e produzem informações dissemináveis em rede.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRITO, Vladimir de Paula; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Poder informacional e desinformação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2015.

BUCCI, Eugênio. **Pós-política e corrosão da verdade**, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574/140220>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

CHEN, Xinran et al. Why students share misinformation on social media: motivation, gender, and study-level differences. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 41, n. 5, 2015, p. 583-592. Disponível em: <<http://ez46.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0099133315001494?via%3Dihub%23>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian *et al* (org.). **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre, Dublinense, 2017.

FALLIS, D. **What is disinformation?** *Library Trends*, v. 63, n. 3, 2015.

FLORIDI, Luciano. What is the Philosophy of Information? **Metaphilosophy**, v. 33, n. 1-2, p. 123– 145, jan. 2002. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1467-9973.00221>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. E se o erro, a fabulação, o engano revelarem-se tão essenciais quanto a verdade?. **Folha de São Paulo**, 10 fev. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859994-e-se-o-erro-a-fabulacao-o-engano-revelarem-se-tao-essenciais-quanto-a-verdade.shtml>> Acesso em: 22 jul. 2018.

IFLA, 2018. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/info-society/images/portuguese_-_how_to_spot_fake_news.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2018.

LEITE, Leonardo Ripoll Tavares; MATOS, José Claudio. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2017.

LLORENTE, José Antonio. **A era da pós-verdade**: realidade versus percepção, 2017. Disponível em: < https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf >. Acesso em 25 jun. 2018.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004.

MANJOO, Farhad. **True Enough**: Learning to live in a post-fat society. John Wiley & Sons: New Jersey, 2008.

MEDEIROS, Armando. **Os perigos da indiferença à verdade**, 2017. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

MERRIAN-WEBSTER. **Disinformation**. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/disinformation>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

MICHAELIS. **Desinformação**. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/desinforma%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

OXFORD. Word of the Year 2016 is..., 2016. Disponível em: < <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

PARISER, E. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PILON, Giovanna Nogueira Prata. **A desinformação pela super-abundância de informação na era digital**, 2011. Disponível em: < http://www.usp.br/celacc/?q=pt-br/tcc_celacc/desinformacao-pela-super-abundancia-informacao-era-digital>. Acesso em: 26 jun. 2018.

PINA, Carolina. **Amigos da verdade**: os limites jurídicos das *fake news*, 2017. Disponível em: < <https://www.revista-uno.com.br/numero-27/amigos-da-verdade-os-limites-juridicos-das-fake-news/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

PREGO, Victoria. **Bolhas informativas**. Disponível em: < https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

PRIOLLI, Gabriel. **A era da pós-verdade**, 2017. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/revista/933/a-era-da-pos-verdade> >. Acesso em: 25 jun. 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009b. Disponível em: < <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

TIBURI, Marcia. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, Christian *et al* (org.). **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre, Dublinense, 2011.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, nov. 2017, p. 285-293.